

Características da personalidade de estudantes de ciências contábeis: análise do conhecimento baseado no Modelo *Myers-Briggs Type Indicator* (MBTI)

Personality characteristics of accounting sciences students: analysis of knowledge-based model Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)

José Francisco Ribeiro Filho¹, Jorge Expedito de Gusmão Lopes², Lauro Brito de Almeida³, Marcleide Maria Macedo Pederneiras⁴, Marco Tulio José de Barros Ribeiro⁵

RESUMO

A aprendizagem é intrínseca à natureza humana e se concretiza num ciclo durante as diversas etapas da vida. Se este ciclo é interrompido ele passa a ser apenas biológico, não mais integral, biológico, social e espiritual, renunciando assim seu potencial criador. As diretrizes curriculares definidas para a formação do Contador estabelecem objetivos, que, para serem alcançados, necessitam mais do que infra-estrutura física, requer estudantes motivados. Uma das formas de motivar alunos constitui-se de estratégias de aprendizagem cooperativas ou colaborativas. Neste estudo utilizou-se o modelo MBTI para se mensurar este grau de motivação. Foram aplicados 524 questionários com estudantes de instituições públicas, privadas e confessionais nos Estados da Paraíba, Pernambuco e Paraná. Os dados foram tabulados com o auxílio do SPSS e as variáveis foram analisadas utilizando o teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis com nível de significância de 5%. Investigou-se tipos de personalidade que estão associados com posturas de aprendizagem cooperativa ou colaborativa, percebidos por esses estudantes, quando segregados por gênero, natureza e localização da instituição de ensino e maturidade acadêmica. Ao final chegou-se à conclusão que os extrovertidos, flexíveis bem como os fortemente extrovertidos, intuitivos e flexíveis, não valorizam as estratégias de aprendizagem cooperativa ou colaborativa, ao contrário daqueles que são introvertidos que disponibilizam suas qualidades visando o aprendizado do grupo.

Palavras-chave: Estratégia de aprendizagem. Motivação. *Modelo MBTI*.

ABSTRACT

Learning is intrinsic to human nature and is observed as a cycle alongside the various stages of life. If this cycle is interrupted it becomes only organic, no longer full, biological, social and spiritual, thereby waiving its creative potential. The curriculum guidelines to form accounting undergraduate students state goals that need to be hit more than physical infrastructure, requires motivated students. One of the ways to motivate these students is learning strategies, e.g. collaborative or cooperative strategies. In this study we used the MBTI model to measure this degree of motivation. 524 questionnaires were filled in by accounting students from public, private and confessional universities in the states of Paraíba, Pernambuco and Paraná, Brazil. The data analysis was undertaken on SPSS and the variables were analyzed by the nonparametric test Kruskal-Wallis-level 5% significance. The study aimed to investigate personality types that are associated with attitudes toward cooperative or collaborative learning, perceived by undergraduate students in accounting, when segregated by gender, type and location of educational institution and academic maturity. The data show that extroverted, flexible as well as strongly extroverted, intuitive, flexible, value strategies for cooperative or collaborative learning, unlike those who are introverts who provide their qualities aimed at learning of the group.

Key-words: *Learning strategies. Motivation. MBTI model.*

¹ Universidade Federal de Pernambuco - francisco.ribeiro@ufpe.br
² Universidade Federal de Pernambuco - professorjorgelopes@gmail.com
³ Universidade Federal do Paraná - gbrito@aol.com
⁴ Universidade Federal de Pernambuco - marcleide@gmail.com
⁵ Universidade Federal de Pernambuco - marcot_ribeiro@yahoo.com

INTRODUÇÃO

A educação é um fenômeno humano por excelência. Trata-se de interação, convivência, contato, proximidade, preferências e relacionamento interpessoal. Aprender e ensinar são, sejam por palavras, gestos ou simplesmente pelo comportamento, pelo dizer e especialmente pelo não dizer, os dois companheiros mais longínquos do ser humano, que o acompanha desde o útero materno até o momento anterior de sua sepultura. Aprender e Ensinar; Ensinar e Aprender: quando este ciclo por alguma razão se interrompe estando o homem em vida, esta vida será vida, sim, mas apenas vida biológica e, em conseqüência, o ser humano integral, biológico, social e espiritual, estaria, em parte, renunciando seu potencial criador.

Na verdade o indivíduo que aprende o faz em função da disponibilidade dos cinco sentidos humanos clássicos: visão; audição; tato; paladar e olfato. No entanto não tão simples assim, pois variáveis individuais, de personalidade, interação de forma decisiva, ampla e complexa neste processo. As adaptações de ausência e/ou comprometimento parcial ou total de um ou mais destes sentidos, aciona, a partir da vontade, ações de complementação e até de substituição, com vistas à concretização do processo de percepção individual diante do novo que se deseja apropriar. O ser humano em sua complexidade, questionando e sendo questionado.

Tipos de personalidade são como impressões digitais em cada indivíduo; o jeito de ser, de falar, de se relacionar, enfim, de aprender e aprender ensinando, associa o conjunto mais amplo denominado de características individuais. Se o indivíduo é predominantemente introvertido; ou extrovertido; ou reflexivo; ou expansivo; ou falante; ou cooperativo; ou individualista; etc.; provavelmente conduzirá seu processo de aprender e ensinar como reflexo destes traços individuais predominantes.

Por outro lado, as instituições de ensino superior, quando da proposição de seu projeto pedagógico, e os professores, enquanto formuladores de estratégias didáticas em sala de aula, intentam operar um processo de construção do conhecimento, que seja considerado um su-

cesso. Formar bacharéis em ciências contábeis que possuam domínio técnico e científico; capacidade de liderança; e também sejam agentes de mudança social, porque comprometidos com a superação das desigualdades e apropriação da riqueza produzida, traduz o desejo dos programas de graduação e pós-graduação em ciências contábeis.

As características individuais dos discentes, suas expressões de personalidade, surgem como campo de investigação, especialmente porque denotam a trajetória do ensinar e aprender dos estudantes de contabilidade. Discutir tal trajetória em muito contribuirá para o aperfeiçoamento do processo de construção do conhecimento nas escolas de contabilidade, além de propiciar oportunidade de aprofundamento de questões relacionadas com o perfil do profissional de contabilidade. Esta pesquisa, portanto, labora no espaço denominado de “o jeito de ser” do estudante de contabilidade, com o intuito de problematizar tais características no ambiente próprio advindo do papel de *gerar conhecimento*.

PLATAFORMA TEÓRICA

As diretrizes curriculares para os cursos de graduação em ciências contábeis, definidas na Resolução 10/2004 do Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Superior (CNE/CES), define os seguintes objetivos de formação acadêmica para os futuros bacharéis em ciências contábeis (Resolução CNE/CES 10/04 Artigo 3º):

- I - compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização;
- II - apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas;
- III - revelar capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

Trata-se de objetivos que, para sua completude adequada, evocam dinâmicas não apenas de infra-estrutura de sala de aula, bibliotecas, transporte e alimentação e docentes capacitados e titulados; mas, especialmente, de estudantes intrinsecamente motivados, detentores, que são, de suas características de personalidade. Na verdade o fenômeno da criatividade e, em consequência o da geração de conhecimento é, em essência, fenômeno que ocorre a partir dos planos cognitivo, ou individual; e ambiental ou externo. É da interação entre o indivíduo, com suas características específicas, e o lócus social, com seus desafios de convivência e oportunidades, que emerge o pensar e o fazer criativos Alencar e Fleith (2003).

Observe-se que ações de *compreensão, domínio das responsabilidades e capacidade crítico analítica*, são demandas que só podem ser atendidas sob uma perspectiva de disposição mental de cada futuro bacharel. Remete, portanto, para o campo do exercício da vontade humana.

Wolk e Nikolai (1997 p. 2), ao afirmarem a importância de se pesquisar sobre os tipos de personalidade de estudantes de contabilidade, no contexto da educação e da inserção na vida profissional, cita o perfil desejado para os egressos, segundo uma visão de grandes empresas de auditoria, como sendo: a) Capacidade para utilizar o pensamento crítico na identificação de soluções criativas para problemas não estruturados que surgem no mundo profissional e derivam de situações em que não se está previamente familiarizado; b) Compreensão das dinâmicas do relacionamento interpessoal e com grupos; c) Capacidade para uma efetiva comunicação oral e escrita; e d) Facilidade para lidar com ambientes turbulentos e em mudança.

Tanto na perspectiva das diretrizes curriculares brasileiras para os cursos de graduação

em ciências contábeis, quanto na visão das grandes firmas internacionais de auditoria, como anteriormente citado, percebe-se que as referências se inscrevem no domínio das características individuais das pessoas. Pesquisar, portanto, sobre tipos de personalidades de estudantes, no contexto da construção do conhecimento em ciências contábeis, aponta para a possibilidade de que certos tipos de personalidade *“estão mais predispostos, do que outros, para determinados tipos de habilidades requeridas.”* Wolk e Nikolai (1997 p.2).

O modelo MBTI (*Myers-Briggs Type Indicator*) está baseado na Teoria de Jung dos tipos psicológicos, que formula a existência de oito funções psicológicas, divididas em processos e atitudes. As pessoas usam, no seu cotidiano de vida, quatro processos mentais, que são: sensibilidade (*sensing*); intuição (*intuition*); pensamento (*thinking*); e o sentimento (*feeling*). Além disso os indivíduos adotam comportamentos de interesse relativo e são mais extrovertidos ou introvertidos; além de guiarem seus julgamentos e percepções com relação ao mundo exterior, afetando a forma como se comportam. Wolk e Nikolai (1997 p.3).

Kovar, Ott e Fisher (2003 p.77) informam que o MBTI mede quatro aspectos de personalidade de indivíduos. Se as pessoas preferem a extroversão (E) ou a introversão (I), primeiro aspecto; a sensibilidade (S) ou a intuição (N), segundo aspecto; o pensamento (T) ou o sentimento (F), terceiro aspecto; e a percepção (P) ou julgamento (J), quarto aspecto. O modelo MBTI mensura somente as preferências individuais com relação a cada um dos quatro aspectos ou tipos de personalidade.

O MBTI é concebido para mensurar *tipos* de personalidades e não para definir as bases intrínsecas ou *características* da personalidade. Ele se propõe a medir, de acordo com o desenho

Tabela 1 - Descrição dos Tipos de Personalidade na Perspectiva do MBTI.

Descrição dos Tipos de Personalidade na Perspectiva do MBTI	
E ou I	A escala de extroversão (E) até introversão (I) representa uma medida contínua de como a pessoa prefere interagir com o meio ambiente. Os mais próximos de (E) direcionam seu foco para o mundo do outro e estão mais disponíveis para buscar interação a partir de relacionamento social. São inclinados à comunicação oral mais do que a comunicação escrita. Os que se orientam mais por I, ao contrário, buscam uma menor interação e intentam resolver suas necessidades a partir de suas próprias buscas mais “solitárias”.

S ou N	A escala de sensibilidade (S) até intuição (N), traduz uma medida de como o indivíduo prefere ou atua para perceber situações ou obter informações. Uma pessoa no nível mais forte de (S) tende a confiar mais nos sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, para tratar informações do meio ambiente. Estes privilegiam maior poder de observação da realidade e dos fatos e possuem boa memória para detalhes e são práticos. Aqueles que utilizam mais (N) preferem verificar “o que está por trás” das circunstâncias dadas e percebidas.
T ou F	A escala de pensamento (T) até sentimento (F) indica uma medida de como as pessoas preferem construir suas conclusões. Os mais inclinados para (T) adotam um postura de racionalidade observacional e tentam fazer uma escolha impessoal baseada em suas cogitações racionais. Os inclinados ao (T) produzem uma ordenação de fatos e idéias considerando uma perspectiva de seqüência lógica, com o objetivo de visualizar relações de causa e efeito. Já os mais inclinados ao sentimento (F) preferem tomar decisões baseadas em valores “humanos” e não em “técnica” ou pura “lógica”.
P ou J	As preferências de personalidade finais, apontam para a maneira como o indivíduo negocia com o mundo exterior. Alguém identificado como utilizando o julgamento (J) sugere uma pessoa que prefere atuar no processo predominantemente pelo julgamento (pensamento ou sentimento) para lidar com o mundo exterior. Como resultado, alguém (J) tende a viver dentro um planejamento e decidir seu modo e ordem, desejando regular e controlar a vida. Uma pessoa adpta da percepção (P) (sensibilidade ou intuição) prefere esta forma para se relacionar com o mundo exterior. Uma pessoa mais próxima da (P) é conseqüentemente mais flexível e espontânea, desejando entender a vida e sua adaptação a esta.

Fonte: elaboração própria, com base em Kovar, Ott e Fisher (2003).

da Teoria de Jung, posições dicotômicas dos tipos de personalidade, que são, assim, identificadas para cada pessoa. Kovar, Ott E Fisher (2003).

Saemann e Crooker (1999), buscando analisar a visão de estudantes de contabilidade sobre a profissão e os seus impactos na escolha das principais áreas de especialização contábil, concluem que as exigências de precisão e eficácia na profissão, além da carga de trabalho exaustiva nos cursos introdutórios, têm desencorajado personalidades mais criativas em optar por essas áreas de atuação ou especialização.

Bowen, Ferguson, Lehmann e Rohde (2003) buscaram identificar, a partir de estudo experimental em laboratório, quais os estilos cognitivos, com base no MBTI, são mais aderentes à capacidade de usuários finais em identificar, extrair e modelar informações em sistemas informatizados de contabilidade; concluindo que as pessoas com maior identificação como usuários finais, aquelas que conseguiram compor as questões com maior acurácia, foram as que utilizaram a percepção individual (pessoas mais flexíveis), que é oposta ao tipo de julgamento individual (pessoas mais reguladas pelo planejamento e controle dos fatos), sendo mais aderentes ao tipo de personalidade mais próximo da intuição (pessoas menos fixadas nos sentidos humanos), em oposição ao tipo de personalidade baseado em sensibilidade (pes-

soas que confiam mais na objetividade dos sentidos proporcionados pela visão, audição, tato, paladar e olfato).

Interessante observar, por outro lado, uma perspectiva crítica à utilização do *Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)*, quando se observa o confronto das mesmas pessoas, só que em situações de decisão diferentes. Haynes, Briggs e Copeland (2008) propõem uma outra medida do tipo de personalidade, o *Typotypical Behaviour Indicator (TBI)*, em reforço ao MBTI, porque consideram variáveis comportamentais surgidas da alteração das situações de decisão. O estudo considerou o mesmo grupo de estudantes em uma dada situação de trabalho e pesquisa e depois este mesmo grupo em dada situação de lazer.

Ramsay, Hanlon e Smith (2000), por exemplo, buscaram a associação das quatro dimensões de personalidade definidas no MBTI, com as preferências dos estudantes de contabilidade com relação à aprendizagem cooperativa (cooperative learning). Concluíram que a preferência pela aprendizagem cooperativa está fortemente correlacionada com o tipo *extroversão/introversão*.

Norman, Rose e Lehmann (2004, p.3) oferecem um inventário, baseado na literatura, de técnicas de aprendizagem cooperativa; e afirmam: “Quando os estudantes trabalham em grupos

com seus colegas, alguma parte da construção do conhecimento é deixada para os próprios alunos, que verbalizam idéias novas entre si, propiciando um processo de participação ativa de cada um com ganho para todos." A atuação do docente, portanto, ocorre na monitoração das tarefas e, especialmente, na observação dos tipos de personalidade que afloram, entre os estudantes e com cada um, ao longo de todo o processo de aprendizagem cooperativa.

Uma visão que caracteriza a importância da aprendizagem cooperativa em promover a inserção profissional e o desenvolvimento pessoal, entre estudantes de ciências contábeis, é exposta por Vasconcelos et al (2007), nos seguintes termos: "*Considera-se (...) a aprendizagem cooperativa mais apropriada para concretizar nos estudantes essas características exigidas pelo mercado, pela universidade, desenvolver as habilidades exigidas nas relações sociais e oferecer maior apoio social (tanto acadêmico quanto pessoal). A aprendizagem cooperativa é aquela baseada em problemas, a qual está relacionada com a aprendizagem colaborativa, porquanto visa à interação entre alunos de maneira que estes alcancem objetivos em comum. Essa metodologia de ensino permite a liberdade de posicionamento e discussão, estimulando as habilidades sociais dos indivíduos, o desenvolvimento da criatividade e o equilíbrio individual.*"

Brown (2005) conduziu um estudo onde o processo de construção do conhecimento em contabilidade, foi concebido a partir da identificação da forma como os estudantes preferiam organizar seus pensamentos vis-à-vis suas experiências educacionais. Nele Brown (2005) pretende, portanto, caracterizar formas e cenários utilizados por estudantes de graduação em ciências contábeis, quando estão envolvidos com tarefas típicas de construção de conhecimento em seus ambientes acadêmicos. Tais comportamentos quando relacionados com tipos de personalidade definidos no MBTI, exteriorizados durante o processo formativo do estudante, podem ser estudados sob uma perspectiva de gênero; natureza da instituição de ensino, maturidade acadêmica e Estado de localização da instituição; tudo com o propósito de fertilizar um debate sobre as perspectivas da formação em ciências contábeis e suas diretrizes didáticas.

A identificação dos estilos de aprendizagem utilizados pelos estudantes em seus processos de construção de conhecimento em contabilidade, vivenciados no cotidiano das suas atividades acadêmicas, tomará por base a estrutura conceitual proposta por Ramsay, Hanlon e Smith (2000), que sugere cinco categorias ou estilos de aprendizagem ancorados na dicotomia: construir o conhecimento de forma individual ou fazê-lo com base em experiências de estudos em grupos e aprendizagem cooperativa.

Este estudo, portanto, se inscreve no rol dos esforços direcionados ao alinhamento de práticas didáticas e formas de construção do saber em ciências contábeis, movidos pelo desafio colocado pelas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em ciências contábeis. Tal preocupação, por outro lado, está em sintonia com as análises de perfil de estudantes de contabilidade, expostas, por exemplo, por Briggs, Copeland e Haynes (2007), quando enfatizam a importância dos estudos analíticos da Psicologia baseados na Teoria da Personalidade, no campo da contabilidade; e justificam tais estudos diante dos novos desafios impostos pelos grandes escândalos corporativos; os impactos ambientais e a sustentabilidade dos negócios em escala mundial; a intolerância religiosa e a continuidade dos investimentos; e a crise ética que abate valores individuais e organizacionais.

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

A idéia didática denotada na expressão *construção do conhecimento*, implica na visualização de um conjunto de atitudes individuais, que se concretizam também no coletivo mais amplo indo até na relação dialógica com o outro, concebidas e praticadas, pelas pessoas, com o intuito de apreender, analisar, criticar e transformar o mundo. Neste sentido parte-se para um conceito de *aprendizagem*, que extrapola o mero processo de treinamento ou adestramento, destinado à repetição automática de técnicas e conteúdos; e caminha-se para uma visão centrada no ambiente cognitivo para um desenvolvimento da postura crítica e criadora dos estudantes Luntley (2007).

Este ambiente, por assim dizer, inovador para a construção do conhecimento em contabilidade, reflete níveis variados de insatisfações com o estado atual da educação superior, o que estimula buscas permanentes, entre professores, estudantes e gestores educacionais, por modelos de aprendizagem que sejam estimulantes e desafiadores, baseados em posturas dialéticas, críticas e cooperativas e não exclusivamente individualizadas ou unilaterais, tudo com o objetivo de potencializar a apropriação do saber Kelly, Davey, Haigh (2002).

Destaca-se, dentro deste espectro de construção do conhecimento em contabilidade, a abordagem da aprendizagem cooperativa (cooperative learning), como sendo o foco de investigação deste estudo. Isto é, em que medidas de atitudes de aprendizagem cooperativa são adotadas pelos estudantes de contabilidade, em seus ambientes acadêmicos Ballantine e Larres, (2007).

Concebe-se que a aprendizagem cooperativa (ou colaborativa) pressupõe uma disposição do indivíduo para uma interação com o outro e com o grupo, nos seus esforços e desejos para conhecer e saber. Este processo deve deflagrar atitudes voltadas ao compartilhamento de objetivos comuns; compartilhamento de uma compreensão individual de uma questão ou solução; disposição para compreensão de questões e soluções do outro e do grupo; estabelecer uma relação de mútua confiança com os colegas; dominar a arte de discordar dos outros com respeito e cortesia; discernir e reconhecer as limitações de seus próprios pontos-de-vista, tudo voltado para a construção do conhecimento. Neste sentido cada indivíduo deve permitir que o outro fale e contribua ao mesmo tempo em que se dispõe a falar e contribuir, ensejando um processo produtivo e contributivo, que se reflete no clima da sala de aula e nos outros espaços acadêmicos Zahn, Kagan, Widaman (1986).

Considerando o potencial de identificação do tipo de personalidade dos estudantes, com base no modelo MBTI; e as análises das atitudes destes mesmos estudantes em se conduzirem no processo de construção do conhecimento em contabilidade, este estudo se orienta a partir da seguinte questão: **Quais os tipos de personali-**

dade que estão associados com posturas de aprendizagem cooperativa ou colaborativa, percebidos por estudantes de graduação em ciências contábeis, quando segregados por gênero, natureza e localização da instituição de ensino e maturidade acadêmica?

Para a consecução metodológica desta questão de pesquisa, busca-se atingir objetivos voltados à descrição dos tipos de personalidade dos estudantes de ciências contábeis, que estão associados a posturas de aprendizagem cooperativa, quando considerados o gênero e a maturidade acadêmica dos estudantes e a natureza e o Estado de localização da instituição de ensino que os estudantes estão vinculados. Tais possibilidades de descrição devem orientar análises voltadas à compreensão dos estilos de aprendizagem nos vários níveis tratados, ensejando a instrumentalização dos professores, estudantes e gestores educacionais, em potencializar o ambiente acadêmico para ser cada vez mais atrativo e estimulador de competências e posturas críticas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O espaço operacional deste estudo se estabelece no âmbito de nove instituições de ensino superior, que possuem curso superior de ciências contábeis, localizadas no Estado do Paraná (3 instituições); Estado da Paraíba (3 instituições) e Estado de Pernambuco (3 instituições). São três faculdades de contabilidade em cada Estado, sendo uma instituição pública; uma particular e uma confessional. Os respondentes, no total de 159 estudantes de Pernambuco; 159 da Paraíba; e 206 do Paraná, totalizando 524 estudantes nos três Estados, estão regularmente matriculados no curso de graduação em ciências contábeis.

Trata-se, portanto, de amostra intencional em razão da viabilidade de acesso às nove instituições nos três Estados, em razão da distribuição de residência dos pesquisadores o que viabiliza, do ponto de vista financeiro, a aplicação dos questionários aos respondentes.

Inicialmente foi aplicado um pré-teste para 30 estudantes de uma instituição pública, de um dos Estados, com o objetivo de aperfeiço-

ar o instrumento de coleta de dados; resultando no questionário apresentado no Apêndice.

Os dados são tratados a partir do SPSS (*Statistical Package for the Social Science*), após a configuração e digitação de cada questionário na planilha eletrônica do software, com o objetivo de aplicar os testes estatísticos adequados. São testadas as variáveis de tipo de personalidade com as estratégias de aprendizagem, com o objetivo de verificar a aderência de tipos de personalidade específicos com estratégias de aprendizagem específicas, quando os respondentes são categorizados por gênero, natureza e Estado de localização da instituição e maturidade acadêmica. A maturidade acadêmica será representada pela proxy de período de curso em que se encontra o estudante; a natureza da instituição será metrificada admitindo-se que a instituição pública recebe o número 1, a instituição privada o número 2 e a instituição confessional o número 3; o Estado de localização da instituição de ensino será identificado pelos dígitos 1, para o Estado da Paraíba; 2 para o Estado de Pernambuco; e 3 para o Estado do Paraná. A variável de gênero refletirá as indicações dos respondentes, sendo 1 para masculino e 2 para feminino, sendo que as omissões não são consideradas.

As variáveis são analisadas a partir do teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis, que substitui o teste ANOVA, e verifica se k grupos independentes provêm da mesma amostra. No caso a variável de análise é o p-value (p-valor), que orienta decisões em testes de hipóteses definidos. Caso o p-value seja menor do que o nível de significância admitido, então a hipótese nula, que afirma não existirem diferenças significativas entre as variáveis, não poderá ser aceita; aceitando-se, no caso, a hipótese alternativa, que afirma existirem diferenças significativas entre as variáveis. O nível de significância admitido neste estudo foi de 5%.

O sistema de hipóteses a seguir foi testado:

H0a – Não existem diferenças significativas entre os tipos de personalidade de estudantes e suas estratégias de aprendizagem cooperativa.

H1a – Existem diferenças significativas entre os tipos de personalidade de estudantes e suas estratégias de aprendizagem cooperativa.

H0b – Não existem diferenças significativas entre as estratégias de aprendizagem cooperativa de estudantes, quando categorizados por gênero, natureza e localização da instituição de ensino e maturidade acadêmica.

H1b – Existem diferenças significativas entre as estratégias de aprendizagem cooperativa de estudantes, quando categorizados por gênero, natureza e localização da instituição de ensino e maturidade acadêmica.

Os resultados são analisados a partir dos construtos discutidos na plataforma teórica, especialmente as contribuições de Ramsay, Hanlon e Smith (2000), Briggs, Copeland e Haynes (2007) e Vasconcelos et al (2007)

Análise dos resultados

Tabela 2 – Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo “Extroversão”

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.000	Rejeitar Ho
Forma de Estudo	0.001	Rejeitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.032	Rejeitar Ho
Relacionamento	0.000	Rejeitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados

Extroversão: *“Tenho muita facilidade para me aproximar das pessoas e falar com elas. Não sou tímido”* Verificou-se que existem diferenças significativas entre o tipo de personalidade em questão e as estratégias de aprendizagem cooperativa estudadas. Pode-se atentar, por exemplo, a preferência de estudar assuntos complexos da contabilidade em grupo por aqueles que se acham “extrovertidos”. Em detrimento a isto, eles não valorizam as demais estratégias (Interação – estudar com outros colegas, Experiência de Estudo em Grupo – no que diz respeito ao melhoramento das habilidades em apresentações, seminários e trabalhos em equipe e Relacionamento – no que diz respeito ao melhoramento das relações interpessoal, acadêmico e em outros ambientes). Para aqueles situados entre as zonas de neutralidade para a total discordância, na qual são formados por alunos introvertidos, estes valorizam consideravelmente as estratégias de aprendizagem apresentadas.

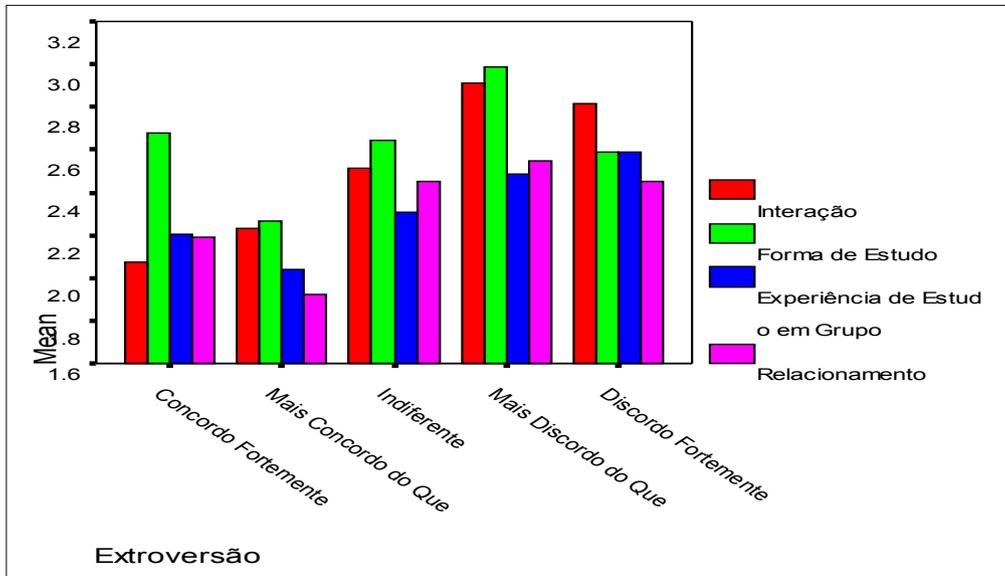


Gráfico 1 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 2
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Tabela 3 - Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo "Intuição"

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.522	Aceitar Ho
Forma de Estudo	0.141	Aceitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.189	Aceitar Ho
Relacionamento	0.252	Aceitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Intuição: *"Oriento minhas decisões e meus relacionamentos muito mais pela intuição e pelo o que não está dito objetivamente."* Verificou-se que não há diferenças significativas entre o tipo de personalidade em questão e as estratégias de aprendizagem cooperativa estudadas. Logo, há certa homogeneidade dos resultados. Mas, pode-se dar uma atenção especial para os casos extremos. Aqueles que se consideram fortemente "intuitivos" não valorizam o estudar em grupo quando os assuntos

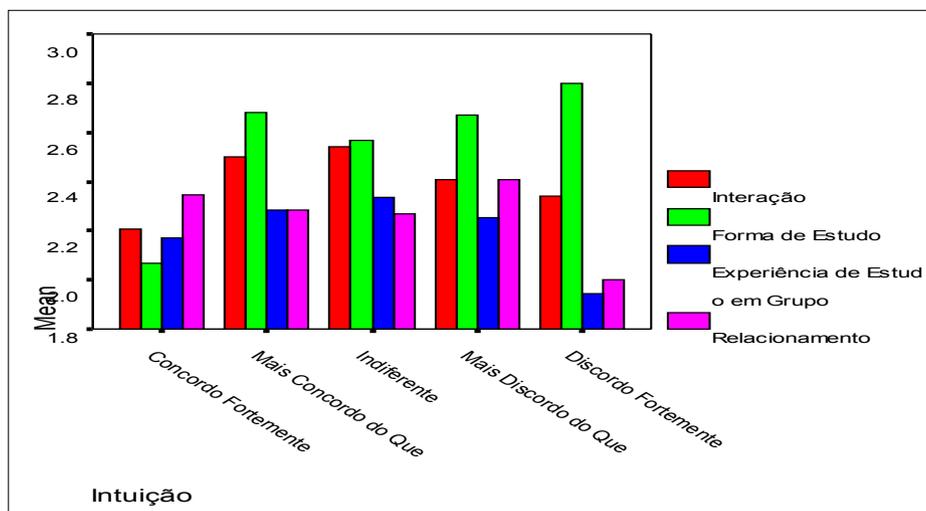


Gráfico 2 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 3
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

abordados são de maior complexidade. Ao contrário disso, para os “não-intuitivos”, onde privilegiam o maior poder de observação e tendem a confiar mais nos 5 sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), o valorizam em extremo. Para os pouco “intuitivos”, ainda, não crêem que a experiência em grupo vá contribuir para melhorar as habilidades em apresentações, seminários e trabalhos em equipe.

Tabela 4 - Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo “Razão”.

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.032	Rejeitar Ho
Forma de Estudo	0.497	Aceitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.000	Rejeitar Ho
Relacionamento	0.000	Rejeitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Razão: “Sou muito racional e decido com base em dados da realidade que posso claramente identificar.” O teste apresentou que há diferenças significativas entre o tipo de personalidade em questão e as estratégias de aprendizagem cooperativa estudadas com a ressalva de não apresentar diferenças significativas quanto à forma de estudo (relacionadas ao ato de aprender em grupo ou individualmente assuntos de maior complexidade da contabili-

dade). Em contrapartida, podemos verificar que aqueles que não se consideram racionais (discordam totalmente), na qual preferem tomar decisões baseadas em valores “humanos” e não em “técnica” ou pura “lógica”, valorizam todas as estratégias (o interagir, a forma de estudo, a experiência que se adquire ao estudar em grupo e o melhoramento dos relacionamentos interpessoais, acadêmicos e em outros ambientes).

Tabela 5 - Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo “Percepção”.

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.000	Rejeitar Ho
Forma de Estudo	0.001	Rejeitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.000	Rejeitar Ho
Relacionamento	0.000	Rejeitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Percepção: “Sou muito flexível e espontâneo em meus relacionamentos. Desejo entender a vida e me adaptar a ela.” O resultado apresentado mostra que há diferenças significativas entre este tipo de personalidade e as formas de aprendizagem cooperativa em foco. Para aqueles que se auto-avaliam “flexíveis” e “fortemente flexíveis”, estes não valorizam muito as estratégias de aprendizagem quando comparados com os alunos situados entre a zona de neu-

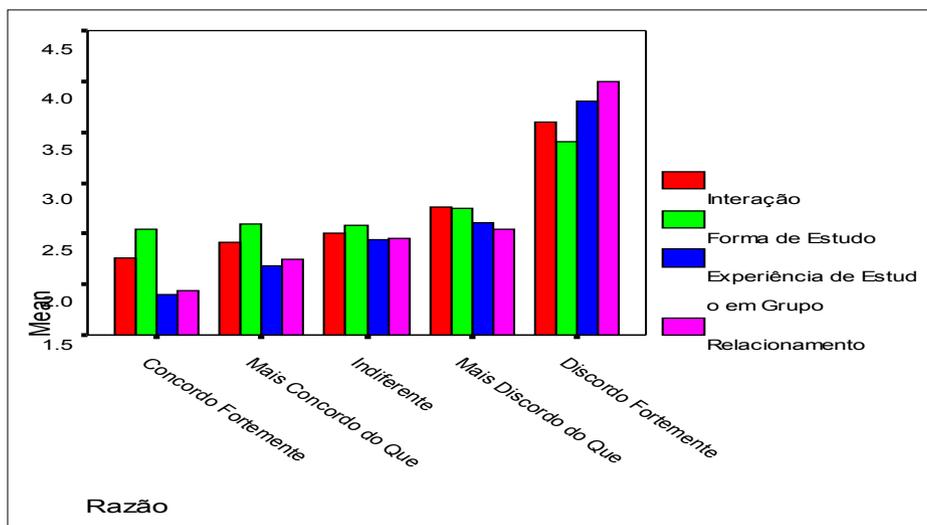


Gráfico 3 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 4.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

tralidade e de total discordância. Logo, podemos verificar que aqueles “não-flexíveis”, na qual preferem atuar no processo predominantemente pelo julgamento para lidar com o mundo exterior (tendem a viver dentro de um planeja-

mento e decidir seu modo e ordem, desejando regular e controlar a vida) tem como valores tais estratégias. Em menor escala, aqueles “indiferentes” e “menos discordantes” também possuem as características expostas.

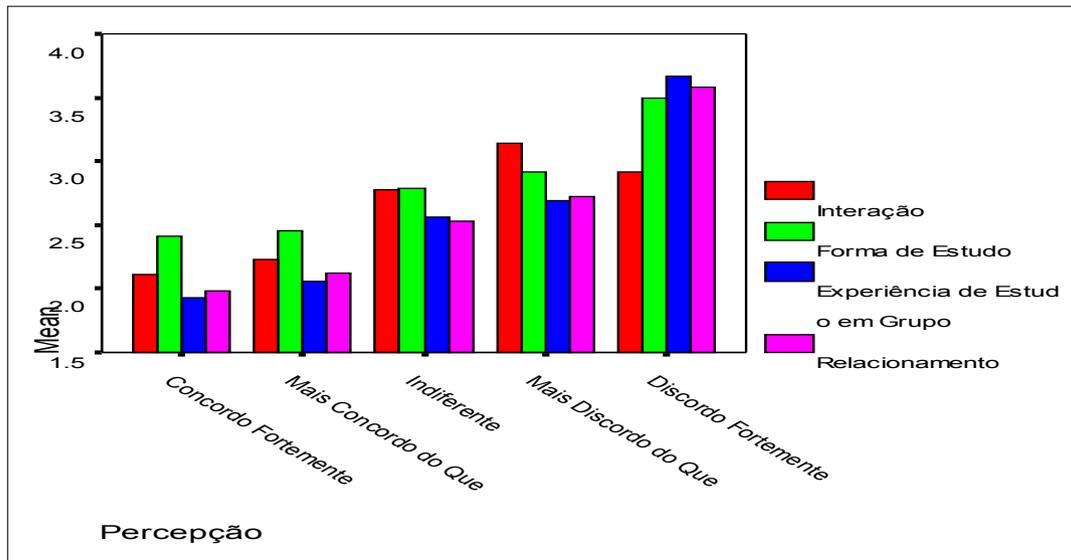


Gráfico 4 – Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 5.
Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Tabela 6 – Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo “Gênero”.

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.641	Aceitar Ho
Forma de Estudo	0.956	Aceitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.641	Aceitar Ho
Relacionamento	0.357	Aceitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Gênero: “Masculino X Feminino”. Verifica-se que não há diferenças significativas entre as formas de aprendizagem cooperativa quando categorizada por gênero. Mas podemos observar a inversão de patamares, embora discreta, entre “Experiência de Estudo em Grupo” e “Relacionamento” nos gêneros, na qual, respectivamente, representa que o estudar em grupo contribui para melhorar as habilidades em apresentações, seminários e trabalhos em equipe, e que a experiência de estudo em grupo melhora o relacionamento nos níveis interpessoal, acadê-

mico e em vários outros na qual o estudante interage. Neste caso, os alunos valorizam mais a experiência de estudo em grupo quando comparado com as alunas e as mesmas consideram o relacionamento com um maior grau de importância que o primeiro.

Tabela 7 – Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo. “Instituições”

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.006	Rejeitar Ho
Forma de Estudo	0.454	Aceitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.000	Rejeitar Ho
Relacionamento	0.000	Rejeitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Instituições: “Públicas, Privadas e Concessionárias”. O teste apresentou que há diferenças significativas entre as estratégias de aprendizagem cooperativa estudadas quando categorizada por instituições com a ressalva de não

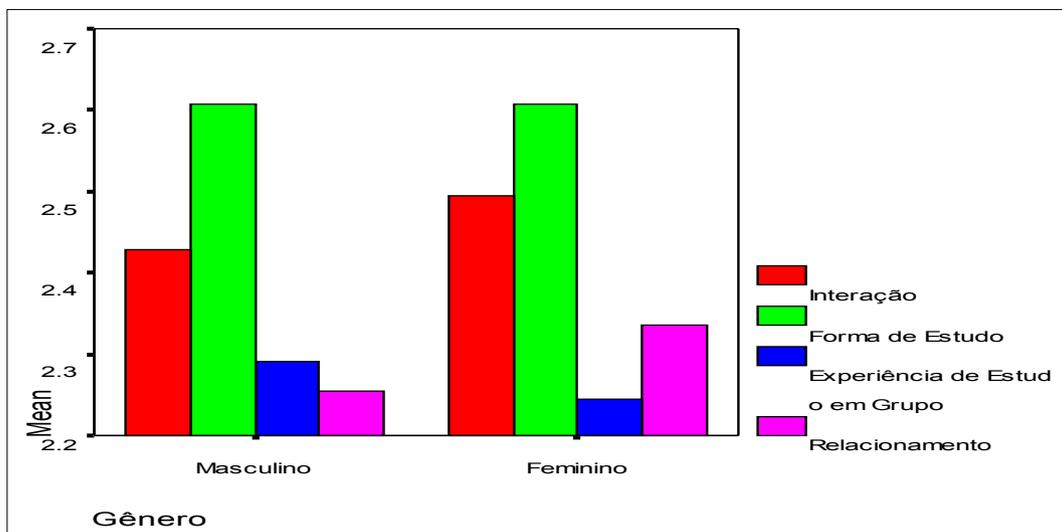


Gráfico 5 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 6.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

apresentar diferenças significativas quanto à forma de estudo (relacionadas ao ato de aprender em grupo assuntos de maior complexidade da contabilidade). Logo, à partir da análise, pode-se concluir que estudantes de instituições públicas e confessionais possuem um comportamento análogo com relação às estratégias de aprendizagem cooperativa. Mas, estudantes oriundos de instituições privadas valorizam muito mais tais estratégias que os demais.

Tabela 8 - Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo "Estados".

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.024	Rejeitar Ho
Forma de Estudo	0.000	Rejeitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.017	Rejeitar Ho
Relacionamento	0.011	Rejeitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

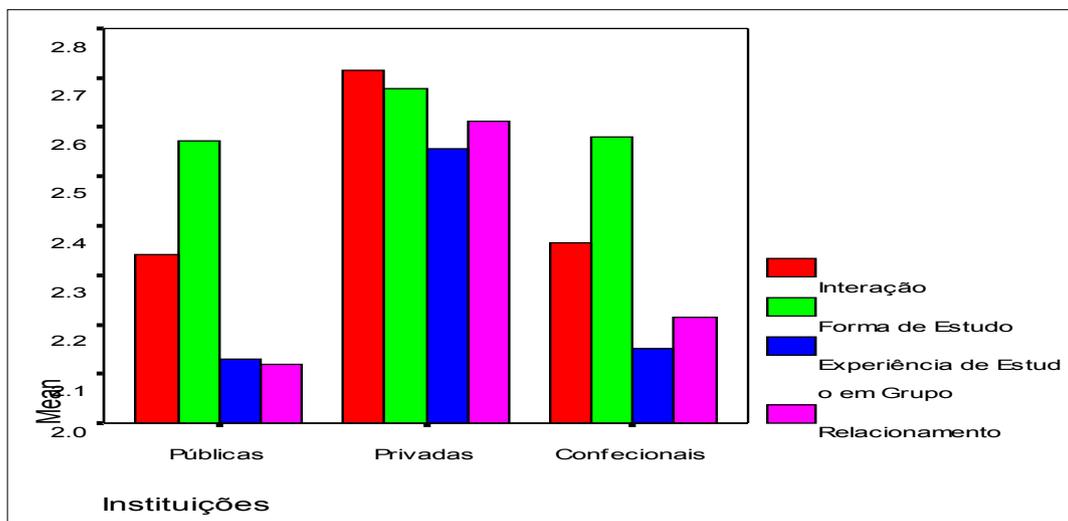


Gráfico 6 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 7.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Estados: “Paraíba, Pernambuco e Paraná”. O resultado mostra que há diferenças significativas entre as estratégias de aprendizagem cooperativa quando categorizadas por estado. Diferente do grupo “Instituições”, onde se verificou a ressalva de não apresentar diferenças significativas quanto à forma de estudo (relacionadas ao ato de aprender em grupo assuntos de maior complexidade da contabilidade), quando o teste

é categorizado por estado, a forma de estudo é altamente valorizada por estudantes paraenses quando comparados com os demais estudantes dos estados de Pernambuco e Paraíba. De um modo geral, estudantes pernambucanos e paraenses possuem um perfil similar (com exceção da forma de estudo), com valorização das demais estratégias de aprendizagem quando comparados com estudantes paraibanos.

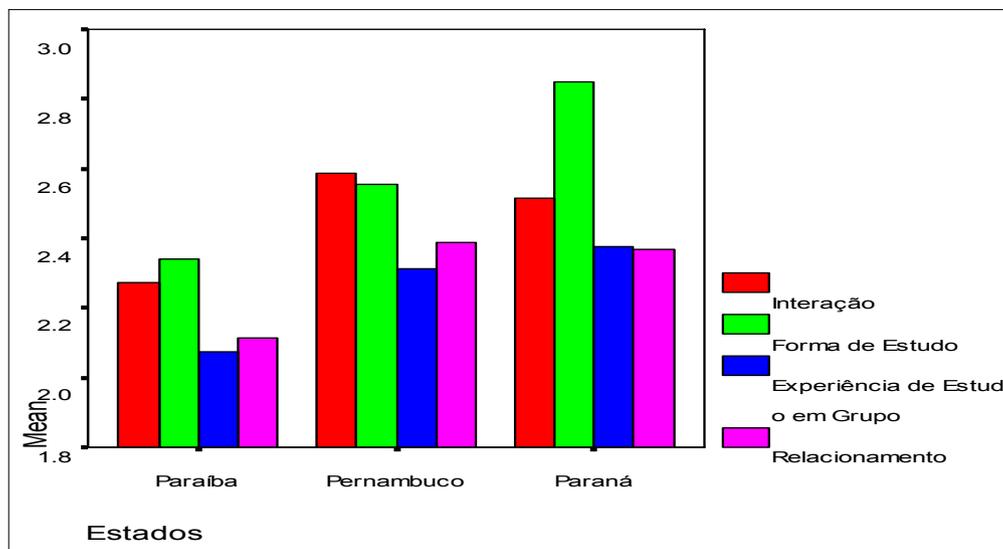


Gráfico 7 – Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 8.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Tabela 9 – Teste de Hipóteses dos tipos de estratégias de aprendizagem para o grupo “Ano de Curso”.

Comportamento	Asymp. Sig. (NS=5%)	Decisão
Interação	0.425	Aceitar Ho
Forma de Estudo	0.437	Aceitar Ho
Experiência de Estudo em Grupo	0.343	Aceitar Ho
Relacionamento	0.142	Aceitar Ho

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

Ano de Curso: “Primeiro Ano, Segundo Ano, Terceiro Ano, Quarto Ano, Quinto Ano”. Verifica-se que não há diferença significativa entre as estratégias de aprendizagem cooperativa quando categorizada por ano de curso. Entretanto, alunos que se encontram na reta final do curso (no quinto ano) não valorizam

as estratégias com exceção quanto à forma de estudo, quando comparadas com os demais estudantes.

Logo, em resumo, após a execução do Teste Estatístico de Kruskal-Wallis, verificou-se certa padronização dos resultados. Dos 8 grupos em estudo (*Extroversão, Intuição, Razão, Percepção, Gênero, Instituições, Estados e Ano de Curso*), 3 (*Extroversão, Percepção e Estados* – 37,5%) apontou para a rejeição da hipótese nula, onde diz que não há diferenças significativas entre os tipos de personalidade e suas estratégias de aprendizagem cooperativa. Logo, aceitou-se a hipótese alternativa na qual existem diferenças significativas entre as variáveis; 3 (*Intuição, Gênero e Ano de Curso* – 37,5%) apresentou para a aceitação da hipótese nula que enuncia a não existência de diferenças significativas entre os tipos de personalidade de estu-

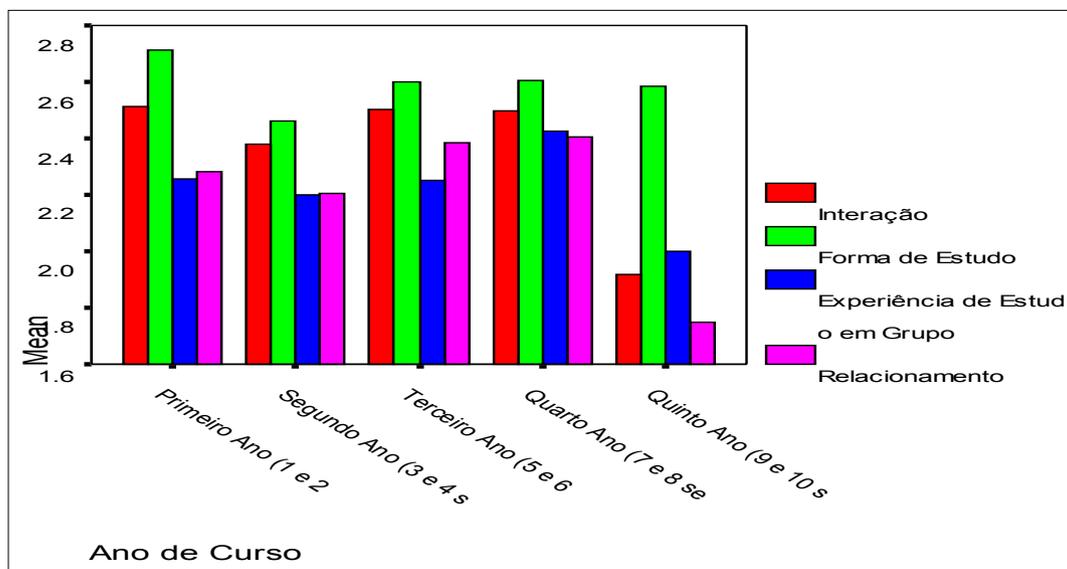


Gráfico 8 - Representação Gráfica do Resultado referente à Tabela 9.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados.

dantes e suas estratégias de aprendizagem cooperativa, quando estes são categorizados por gênero e maturidade acadêmica; e 2 (*Razão e Instituições* - 25%) implicou em rejeição da hipótese nula com a ressalva de aceitá-la quando o aluno prefere estudar assuntos complexos da contabilidade em grupo ou sozinho.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou evidenciar quais as tipos de personalidade, que estão associados com posturas de aprendizagem cooperativa ou colaborativa, percebidos por estudantes de graduação em ciências contábeis, quando segregados por gênero, natureza e localização da instituição de ensino e maturidade acadêmica.

Diante dos resultados encontrados conclui-se que os extrovertidos, flexíveis bem como os fortemente extrovertidos, intuitivos e flexíveis, não valorizam as estratégias de aprendizagem cooperativa ou colaborativa. O fato que se repetiu quando houve a categorização por Estado, os estudantes paranaenses optam por tais estratégias ao contrário dos estudantes pernambucanos e paraibanos, porém os estudantes pernambucanos aproximam-se dos paranaenses quando da valorização das demais estratégias de aprendizagem.

Ao passo que nos itens Intuição, Gênero e Ano de Curso não existiram diferenças significativas a ponto de caracterizar oposição a base conceitual. Na mesma direção, quando da análise dos itens Razão e Instituições, pois as diferenças também não são significativas se o discente prefere estudar assuntos complexos e sozinho; denotando comportamentos que confirmam a plataforma teórica e que explicitam uma postura de maximização das qualidades individuais que são colocadas à disposição do grupo visando o aprendizado comum dos discentes introvertidos.

REFERÊNCIAS

- Alencar, Eunice Soriano; Fleith, Denise de Souza. (2003). *Criatividade - Múltiplas Perspectivas*. Editora UnB.
- Ballantine, Joan; Larres, Patricia McCourt. (2007). *Cooperative learning: a pedagogy to improve students' generic skills?* Education + Training, v. 49, Issue 2, p. 126-13.
- Bowen, Paul L; Ferguson, Colin B; Lehmann, Timothy H.; Rohde, Fiona H. (2003) Cognitive Style factors affecting database query performance. *International Journal of Accounting Information Systems* 4, p. 251-273.

- Brasil. Ministério da Educação. MEC. (2004) – Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Superior – Resolução n. 10 de 16 de dezembro.
- Briggs, Susan P.; Copeland; Scott; Haynes, David. (2007). Accountants for the 21st Century, where are you? A five-year study of accounting students' personality preferences. *Critical Perspectives on Accounting*. n. 18, pp. 511-537.
- Brown, Nigel. (2005). Meta programmes for identifying thinking preferences and their impact on accounting students' educational experience. *Journal of Accounting Education*. n.23; p.232-247.
- Haynes, David; Briggs, Susan P; Copeland, Scott. (2008). Mind the gap: Accountants at work and play. *Critical Perspectives on Accounting* 19 p. 81-96.
- Kelly, Martin; Davey, Howard; e Haigh, Neil. (2002). The Use of Dialectical Enquiry in an Accounting Course. *Pacific Accounting Review*, v.14, Issue 1; p. 23-42.
- Kovar, Stacy E.; Ott, Richard L.; Fisher, Dann G. (2003). Personality Preferences of Accounting Students: A Longitudinal Case Study. *Journal Accounting Education*. N. 21 p. 75-94.
- Luntley, Michael. Learning, Empowerment and Judgement. (2007). *Educational Philosophy and Theory*. n. 39, p. 418-431.
- Norman, Carolyn Strand; Rose, Anna M.; Lehmann, Constance M. (2004). Cooperative learning: resources from the business disciplines. *Journal of Accounting Education*. n. 22, p. 1-28.
- Ramsay, Alan; Hanlon, Dean; Smith, David. (2000). The association between cognitive style and accounting students preference for cooperative learning: an empirical investigation. *Journal of Accounting Education*. n. 18, p. 215-228.
- Saemann, Georgia P. E Crooker, Karen J. (1999). Student perceptions of the profession and its effect on decisions to major in accounting. *Journal of Accounting Education*. n.17, p. 1-22.
- Vasconcelos, Ana Lúcia Fontes de Souza; Silva, Márcia Ferreira Neves da; Lima, C. de Almeida; Melo, E. dos A. Tenório de. (2007,Out/Dez). Uma Reflexão da Aprendizagem Cooperativa como Estratégia de Ensino para a Formação dos Contadores. *Revista de Informação Contábil - RIC*; v. 1, n. 2. Disponível em: www.ufpe.br/ricontabeis Acesso em 07 MAR.
- Wolk, Carel; e Nikolai, Loren A. (1997). Personality Types of Accounting Students and Faculty: Comparisons and Implications. *Journal of Accounting Education*. v. 1, p 1-17.
- Zahn, G. Lawrence; Kagan, Spencer; Widaman, Keith F. (1986). Cooperative Learning and Classroom Climate. *Journal of School Psychology*. v.24, Issue 4.